

SIMPÓSIO AT132

CLASSE DE PALAVRAS: O SUBSTANTIVO E O VERBO EM LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS E ANGOLANOS

TESCARI NETO, Aquiles
IEL, UNICAMP
tescari@iel.unicamp.br

Resumo: A tradição gramatical luso-brasileira dá vital importância ao estudo das classes de palavras. Diferentes teorias gramaticais atuais continuam a visitar o tópico, que também é matéria de ensino na Educação Básica (nos ensinos fundamental e médio) e na formação de professores de língua portuguesa. O trabalho tem, então, por objetivo fazer um levantamento dos critérios utilizados para a conceituação dos nomes (substantivos) e dos verbos por dois livros didáticos brasileiros do Ensino Médio e dois livros didáticos angolanos da escola secundária (ensino médio). Constatou-se uma preferência por critérios morfossemânticos (i.e., critérios que levam em conta a forma e o significado das palavras) à revelia dos sintáticos (i.e., critérios que levem em conta a posição ocupada pela palavra) para a definição dessas duas classes pelos livros brasileiros e angolanos. Recorrendo à epistemologia e metodologia da Gramática Gerativa (Chomsky, 1986), o trabalho propõe uma série de atividades didáticas pautadas em tarefas de julgamento de gramaticalidade de sentenças (a manipularem sobretudo o critério sintático), de caráter complementar às atividades dos livros didáticos.

Palavras-chave: classes de palavras; verbo; nome; Gramática Gerativa; ensino de língua portuguesa.

Abstract: The Luso-Brazilian grammatical tradition gives vital importance to the study of the parts of speech. Different current grammatical theories continue to revisit the topic, which is also a subject of teaching in Basic Education (namely, in primary and secondary education) and in Portuguese teacher training programs. The paper aims to discuss the criteria used in the definition of nouns and verbs by two Brazilian and two Angolan secondary education textbooks. It has been verified a preference for morpho-semantic criteria. Morpho-semantic criteria take into account the form and the meaning of words. Individual parts of speech are not defined by syntactic criteria for the definition of these two parts by the Brazilian and Angolan books. By using the epistemology and the methodology of Generative Grammar (Chomsky 1986), the work proposes a series of didactic activities based on grammaticality judgment tasks (which manipulate the syntactic criterion), complementary to the textbook activities.

Keywords: Word Classes; Verb; Name; Generative Grammar; Portuguese Language Teaching.

Introdução

Basta abrirmos uma gramática luso-brasileira para constataremos a importância, nessa literatura, como objeto de estudo, das classes de palavras (CIPs). Só em Cunha e Cintra (1985), as CIPs ocupam 405 das 724 páginas do livro, o que equivale a 55% do conteúdo. Em Bechara (2003), outra gramática muito utilizada por profissionais de Letras, são 223 páginas do conjunto de 671 páginas do livro (o que corresponde a 33% do conteúdo). Rocha Lima (2001), outra gramática que também figura em bibliografias de cursos universitários, dedica às CIPs 134 (das 553) páginas, perfazendo 24% da obra. Em síntese, cerca de 35% do conteúdo das gramáticas normativas são dedicados às CIPs.

Com as gramáticas descritivas não é diferente: as CIPs continuam a ocupar considerável espaço. A gramática de Castilho (2010) aborda o tópico, consoante uma classificação sintagmática, em 219 de um total de 767 páginas do livro (o que corresponde a 29% do total). A gramática “pedagógica” de Bagno (2012) dedica 530 páginas de um total de 1053 páginas a esse tópico (ou seja, 50% do livro). Por fim, a gramática de Perini (2010) dedica explicitamente (i.e., em termos do que informa no índice) 35 das 356 páginas (i.e., 10% do total do livro) às CIPs. Linguistas contemporâneos entendem, portanto, o peso da tradição: as CIPs continuam a ser terreno fértil de estudos.

Se abrirmos LDs de gramáticas (do português), que utilizem um volume único para os três anos do ensino médio, observaremos que as CIPs também ocupam parte considerável do conteúdo: assim, em Ormundo e Scorsafava (s.d.), das 368 páginas, 95 delas tratam das classes de palavras, o que corresponde a 26% do conteúdo do material. A respeito do ensino de CIPs no ensino regular, Neves (1990) já chegou mesmo a relatar resultados de uma pesquisa sua junto a professores de língua portuguesa de São Paulo. Relata Neves que, de um conjunto de quarenta tópicos gramaticais mencionados pelos professores como sendo trabalhados em suas aulas na forma de exercícios, o tópico CIP foi o mais frequentemente mencionado, correspondendo a 31,34% do total dos conteúdos abordados junto aos alunos. Relativamente ao ensino de CIPs em Angola não é diferente: se abrirmos uma

gramática pedagógica produzida em Luanda, vemos que as CIPs são objeto de estudos em parte considerável do material: assim, em Vilela de Freitas e Agostinho (2012), das 158 páginas de sua gramática didático-pedagógica, 80 delas versam sobre CIPs, o que corresponde a 50% do conteúdo do material.

Não há dúvidas, então, de que o estudo das CIPs de fato congrega um tópico importante nos estudos gramaticais, da Educação Básica às pesquisas dos linguistas e gramáticos, quer no Brasil, quer em Angola. Tendo em vista que o SIMELP congrega estudiosos da língua portuguesa pelo mundo, nosso trabalho – que se volta a um estudo dos “critérios utilizados” para a conceituação de duas CIPs, nomeadamente o nome (substantivo) e o verbo – faz essa investigação em dois livros didáticos brasileiros para o Ensino Médio (valendo-se da descrição feita em Tescari Neto e Perigrino (2018)) e em dois livros didáticos angolanos do Ensino Secundário (correspondente ao médio).¹

A tradição dos estudos gramaticais recorre a “critérios” para a definição das CIPs (Câmara Junior, 1970; Pinilla, 2007; Donati, 2008; Tescari; Perigrino, 2018). De acordo com Donati (2008) e Tescari Neto & Perigrino (2018), os critérios maiormente utilizados, pelos gramáticos, para a classificação das palavras em classe são os morfossemânticos (ver próxima seção). Raramente a tradição gramatical recorre a critérios sintáticos (ver próxima seção) quando da definição de determinada classe (Câmara Junior, 1970; Donati, 2008). Essa parece ser a razão pela qual nossos LDs também optam por critérios morfossemânticos na conceituação das classes (Tescari Neto; Perigrino, 2018).

Para atingir nosso objetivo geral, qual seja o de discutir os critérios utilizados pelos autores de LDs (angolanos e brasileiros) de língua portuguesa na conceituação das palavras em classes, recorreremos a esses “critérios de classificação” no intuito de compreender os mais utilizados. Isso será feito na seção 2, na sequência de uma brevíssima revisão teórica dos critérios de classificação das palavras em classes, feito na seção 1. O trabalho sugerirá,

¹ Para o estudo das CIPs em LDs brasileiros, recorreremos à análise já feita em Tescari Neto e Perigrino (2018), apresentando, aqui, os dados referentes a Nicola (2014) e Cereja & Magalhães (2010). Para o estudo nos LDs angolanos, recorreremos a Airosa (2015a,b), volumes destinados à 10^a e 11^a classes do ensino secundário angolano.

conforme veremos, na esteira de Tescari Neto & Perigrino (2018), que as CIPs sejam discutidas com base nos três critérios, tendo o critério sintático um certo destaque, como em Donati (2008), haja vista o fato de esse critério recorrer tão somente à posição da palavra na estrutura, o que, em última instância, dependerá do conhecimento do falante (Chomsky, 1986) sobre a sua própria língua (seção 2). As considerações finais são apresentadas na seção 3.

1. Breves notas (teóricas) sobre as classes de palavras: o nome o verbo

Conforme mencionado na introdução, autores de diferentes nichos teóricos recorrem basicamente a três critérios na conceituação das CIPs: critérios morfológicos, sintáticos e semânticos. Embora, em tese, como apontado em Câmara Junior (1970) e Pinilla (2013), o estudioso possa recorrer a esses três critérios compositamente, na prática, a depender dos objetivos da investigação e do enfoque teórico assumido no projeto, os estudiosos acabam por privilegiar este ou aquele critério (Perigrino, 2019).

Pelo critério morfológico, levam-se em conta aspectos formais dos vocábulos. Assim, em português angolano (PA), o nome *zungueira* apresenta marcas de gênero (feminino) e número (singular). Nomes, então, por esse critério, são categorias variáveis, uma vez que são suscetíveis à flexão. Verbos, pelo critério morfológico, variam, em português, em *tempo-modo-aspecto* (categorias sincréticas que se fundem, no verbo lexical, numa só – exemplo: o sufixo *-ia-*, modo-tempo-aspectual, em *zungaríamos* (do português de Angola) e *número-pessoa* (o sufixo sincrético *-mos* do último exemplo).

Pelo critério semântico, são considerados, no espírito de Câmara Junior, a referência que o item (do léxico substantivo) faz ao universo biopsicofisicossocial. Assim, pelos exemplos do PA do parágrafo anterior, *zungueira* aponta para um referente no mundo extralinguístico e *zungaríamos*, verbo, expressa uma ação, a de deambular (para a venda ambulante nas ruas).

Tescari Neto & Perigrino (2018), em estudo sobre critérios utilizados na classificação de nomes e verbos em LDs brasileiros, mostram haver uma

tendência à assunção de critérios semânticos e morfológicos, exclusivamente, numa sorte de *critérios morfossemânticos*. Conforme argumentam os autores, recorrendo a Donati (2008), a assunção pura de critérios morfossemânticos – à revelia dos sintáticos – pode induzir a erros de classificação, uma vez que tanto nomes como verbos podem variar morficamente (critério morfológico) e tanto verbos como nomes podem indicar por exemplo *ação*: assim, *zungar*, verbo, indica *ação* (vide parágrafo anterior); igualmente, o nome *zunga* (“venda ambulante”) também indica *ação* em PA.

O critério sintático leva em conta a posição que o vocábulo ocupa na estrutura em que ocorre. Assim, nomes ocupam a posição de núcleo da expressão nominal (ou sintagma nominal expandido); verbos, a posição nuclear do sintagma verbal. Assim, no exemplo *A zunga é uma solução para quem procura emprego*, o nome *zunga* ocupa posição nuclear na expressão nominal *a zunga*, podendo ser substituído, no paradigma, por outros nomes: *A zunga/venda/pesca/caça é uma solução para...* Igualmente, verbos aparecem como núcleo do sintagma verbal. Assim, na posição ocupada por *zungaríamos* em *Com o desemprego em alta, zungaríamos até quando?*, poderiam aparecer apenas verbos: *trabalharíamos/venderíamos/comeríamos/estudaríamos/etc.*

Repare que o critério sintático não conduz a potenciais erros de classificação: somente verbos ocupam o núcleo do sintagma verbal; somente nomes ocupam o núcleo da expressão nominal. Não poderíamos, assim, substituir *zungaríamos*, no exemplo anterior, pelo nome *zunga*. Igualmente, não podemos colocar um verbo no lugar de *zunga* em *A zunga é uma solução ...*

A próxima seção descreve os *corpora* analisados.

2. O verbo e o nome nos LDs: critérios de classificação

Para os LDs brasileiros, recorreremos a dados de Tescari Neto e Perigrino (2018) – vide descrição dos LDs na nota 1. Para os dados dos LDs angolanos, recorreremos às coleções de Airoso (2015a,b) para a 10^a e 11^a classes.

Os quadros 1 e 2 sintetizam os resultados relativamente aos critérios utilizados nas definições das CIPs em investigação. Veja que os dois LDs brasileiros, julgando por Tescari Neto e Perigrino (2018), recorrem a critérios semânticos e morfológicos, sobretudo, praticamente à revelia dos sintáticos, exceção feita a Nicola (2014).

↓ Autor Critério →	Verbo			Substantivo		
	<i>morfológico</i>	<i>semântico</i>	<i>sintático</i>	<i>morfológico</i>	<i>semântico</i>	<i>sintático</i>
Nicola (2014)	✓	✓	não	✓	✓	✓
Cereja & Magalhães (2010)	não	✓	não	não	✓	não

Quadro 1: Critérios de classificação nos LDs brasileiros – Fonte: Tescari Neto; Perigrino (2018) (adaptado)

Com os LDs angolanos não é diferente: assim, critérios morfossemânticos são evocados: nomes “designam seres” (Airosa, 2015); verbos, “indicam ação”. Problemática, essa definição induz a “erros de classificação”: há nomes que indicam ação, como *zunga* (Donati, 2008; Tescari Neto; Perigrino, 2018).

↓ Autor Critério →	Verbo			Substantivo		
	<i>morfológico</i>	<i>semântico</i>	<i>sintático</i>	<i>morfológico</i>	<i>semântico</i>	<i>sintático</i>
Airosa (2015) – 10ª classe	✓	✓	não	✓	✓	não
Airosa (2015) – 11ª classe	✓	✓	não	✓	✓	não

Quadro 2: Critérios de classificação nos LDs angolanos – Fonte: elaboração própria

Em comum, os LDs brasileiros e angolanos exploram aspectos morfossemânticos na definição das CIPs à exclusão dos sintáticos. A seção seguinte oferece uma alternativa aos professores brasileiros e angolanos: complementarmente às atividades do LD adotado, podem, ao cabo das unidades didáticas sobre o verbo e o nome, realizarem um miniprojeto de investigação em que os alunos, na posição de “cientistas-mirins”, conduzirão uma pesquisa sobre a classificação dessas duas classes, recorrendo a critérios sintáticos, através da eliciação de julgamentos de gramaticalidade.

3. Critérios sintáticos, julgamento de sentenças, miniprojeto de pesquisa

Complementarmente às atividades sugeridas nos LDs, sugere-se que o professor elabore um miniprojeto de pesquisa, junto aos alunos, em que recorra a julgamentos de sentenças para determinar as CIPs. Assim, bastará recorrer a testes de substituição de palavras numa mesma frase para entender se, naquele contexto, um item, lexicalmente ambíguo em estado de dicionário, não o será na referida sentença. Verbos ocupam posições de verbos; nomes posições de nomes. Assim, muito embora *zunga* (nome) e *zungar* (verbo) indiquem ação (critério semântico) e sejam variáveis (critério morfológico), não se trata da mesma CIPs. Se colocarmos *zunga* e *zungar* num paradigma, ficará mais claro que se trata respectivamente de um nome e de um verbo:

(1) A *zunga*/*venda*/*pesca*/*labuta*/**zungar*/**trabalhar* nos permite pôr o pão à mesa.

(2) Cedinho Dona Bela deixa o Zango para *zungar*/*vender*/*pescar*/*labutar*/**zunga*/**venda*.

Repare que a substituição, em (1), de um nome (ex. *zunga*) por um verbo (*zungar*) dá lugar à má formação da sentença. Enquanto o critério morfossemântico pode induzir a erros de classificação, o critério sintático não induz. *Zungar* e *trabalhar* não cabem no paradigma grifado em (1), porque aquela posição é reservada a nomes. Igualmente, um nome, em (2), não cabe no paradigma em itálico: apenas verbos, por serem verbos, são permitidos na posição de núcleo do sintagma verbal.

4. Considerações finais

O trabalho argumentou que um experimento de elicitación de julgamentos de gramaticalidade, com os alunos, que leve em conta critérios sintáticos (substituição de uma palavra por outras da mesma classe numa dada posição), é bastante útil como critério de classificação das palavras.

Referências

AIROSA, M. F. J. *Língua portuguesa: 10ª classe*. Luanda: Ed. das Letras, 2015.

_____. *Língua portuguesa: 11ª classe*. Luanda: Ed. das Letras, 2015.

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. RJ: Lucerna, 2003.
- CÂMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTILHO, A.T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: FAPESP/Contexto, 2010.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T.C. *Português: linguagens, volume 2, Ensino Médio*. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of Language*. Nova Iorque: Praeger, 1986.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DONATI, C. *La sintassi: regole e strutture*. Bologna: il Mulino, 2008.
- NEVES, M.H. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1990.
- NICOLA, J. *Gramática & Texto: volume único*. São Paulo: Scipione, 2014.
- ORMUNDO, W.; SCORSAFAVA, M. *Conexões em língua portuguesa – Gramática*. São Paulo: Moderna, [s.d.], 368p.
- PERIGRINO, M. *O tratamento dos advérbios em livros didáticos brasileiros*. Manuscrito, UNICAMP, 2019. [neste volume]
- PERINI, M.A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PINILLA, M.A. Classes de palavras. In: VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (Org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. SP: Contexto, p. 169-183, 2007.
- ROCHA LIMA, C.H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- TESCARI NETO, A.; PERIGRINO, M. O verbo e o substantivo em livros didáticos: contribuições da gramática gerativa às aulas de português. *Revista da Abralin*, v. 17, p. 152-191, 2018.
- VILELA DE FREITAS, A.; AGOSTINHO, I.F. *Gramática básica didático-pedagógica da língua portuguesa*. Luanda: Edilivros, 2012.